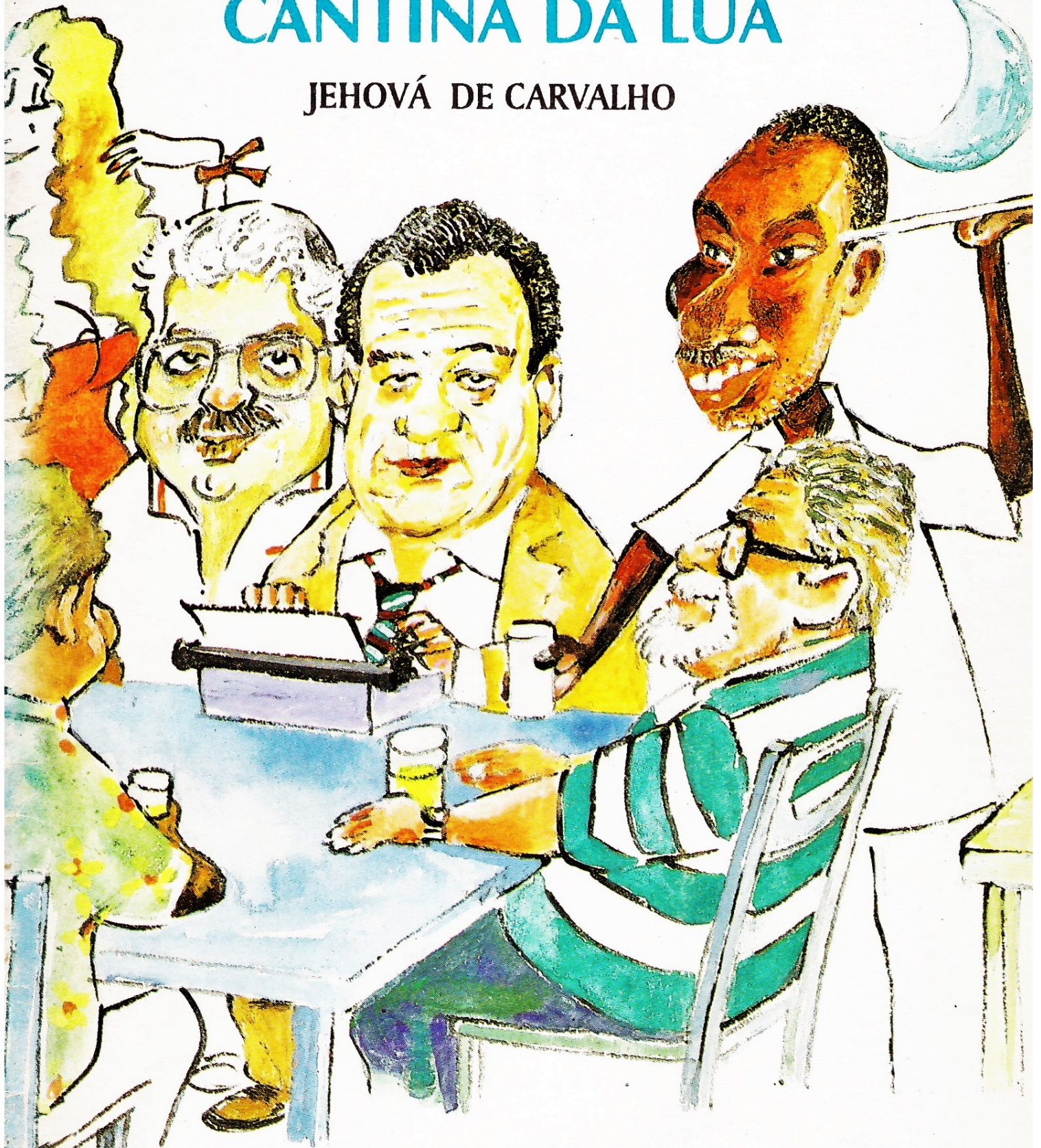


# MEMÓRIA DA CANTINA DA LUA

JEHOVÁ DE CARVALHO



*Memória da Cantina da Lua*



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

**Reitor**

Luiz Felipe Perret Serpa

**Vice-Reitora**

Maria Gleide Santos Barreto



**EDITORA DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA BAHIA**

**Diretor**

Gustavo Aryocara de Oliveira Falcón

**Conselho Editorial**

Ubiratan Castro de Araújo (Presidente)

Gustavo Aryocara de Oliveira Falcón

Antonia Torreão Herrera

Lúcia Fernandes Lobato

Manoel Barral Neto

Marco Aurélio Andrade de Filgueiras Gomes



**CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR**

**Presidente**

João Carlos Bacelar



**CENTRO DE ESTUDOS AFRO ORIENTAIS — CEAÓ**

**Diretor**

Jeferson Bacelar

**JEHOVÁ DE CARVALHO**

*Memória da Cantina da Lua*

Salvador – Bahia  
1995

Capa:  
Hélio Roberto Lage

Fotos:  
Lúcia Correia Lima

Projeto Gráfico:  
Aloísio M. Filho

Composição Gráfica:  
Célia Sampaio Moura

### Ficha Catalográfica

---

C331      **Carvalho, Jehová de.**  
            Memória da Cantina da Lua. Salvador. –  
            EDUFBA/CEAO/Câmara Municipal de Salvador, 1995.  
            20p.  
            1. Literatura brasileira. I.t.

CDD 869. 9

---

### Biblioteca do CEAO

*EDUFBA — EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
Rua Barão de Geremoabo, Campus Universitário da Federação – Ondina  
Fone: (071) 245-8235 – Fax: (071) 235-7545 – CEP 40170-290 – Salvador*

*CEAO — CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS  
Praça 15 de Novembro, 17 – Terreiro de Jesus  
Fone: (071) 241-0253 — Fax: (071) 241-3069 – CEP 40025-010 – Salvador*

*CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR  
Praça Thomé de Souza, s/n-Centro  
Fone: (071) 243-2311-Fax: (071) 243-7719-CEP 40020-010 - Salvador*

## APRESENTAÇÃO

A *Cantina da Lua* na esquina da Rua Alfredo Brito com o Largo do Terreiro, ao lado da mais antiga Faculdade de Medicina do Brasil, faz 50 anos de idade e desde 1971, está sob o comando de Clarindo Silva.

Nascido em Conceição do Almeida, cidadão do Salvador por mérito e oficialmente pela Câmara Municipal do Salvador, Clarindo é um mestre na arte de receber, com simpatia e sorriso permanente. Muita coisa boa nasceu na *Cantina*, outras coisas boas passaram na *Cantina*, ali se discute, se briga, se ama, se faz poesia, se canta, em ordem, respeito e o olhar suave mas enérgico de Clarindo.

Batizado como “Senhor do Pelourinho”, “Mestre Calá” e “Anjo de guarda do Centro Histórico”, foi “Homem do Ano” (Tribuna da Bahia, 1991), é o maior incentivador de artistas e literatos emergentes. ( Na *Cantina*, já foram feitos 800 “shows” e 50 lançamentos de livros). O Centro Histórico, hoje, felizmente restaurado, foi levado a um estado de penúria e decadência pela indiferença, porque não dizer do desprezo de quem tinha obrigação de cuidá-lo. Uma única pessoa, um D. Quixote, Clarindo, nunca desanimou. Falava, gritava, alertava, criticava, protestava, implorava, pedia. O Centro Histórico foi restaurado e

Clarindo Silva ainda não foi devidamente reconhecido como um dos seus maiores defensores. O nosso Presidente João Bacelar ao editar este livro, não o faz para destacar uma casa comercial, existem outras cinquentenárias e até centenárias, merecedoras de destaque. A Câmara Municipal do Salvador, a mais antiga do país, ao publicar "A História da Cantina da Lua" de autoria de Jehová de Carvalho, nos 300 anos do Zumbi, quer homenagear Clarindo Silva, negro, homem do povo e cidadão.

E finalmente uma pequena palavra a Jehová de Carvalho, meu carinho, minha admiração. Poeta Jehová, advogado dos pobres Jehová, orador Jehová, cronista Jehová, amigo Jehová, irmão Jehová, precisamos muito de você.

Germano Tabacof  
Vereador

## PREFÁCIO

*Clarindo Silva é gente. Que faz e que acontece. Integra um seletto grupo de personalidades baianas de destaque como Camafeu de Oxossi, Mãe Stela, Olga de Alaketo, Mestres Bimba e Pastinha, Batatinha e tantos outros, senhores de pequenos mundos que ganharam projeção e renome por seus méritos e qualidades.*

*Uma "aristocracia" popular, negro-mestiça cuja nobreza e projeção custaram luta e muito suor contra o preconceito racial e religioso e as diversas construções ideológicas que teimam em colocar os descendentes de africanos na Bahia em posição subalterna.*

*Quando Clarindo inventou o seu jeito de afirmar-se, o Pelourinho e adjacências era território de putas, vagabundos, jornalistas, boêmios de todo tipo, pequenos funcionários públicos, um tipo especial de intelectual, lúmpens, gente que hoje habita apenas os romances de Jorge Amado e a memória dos que vivenciaram Salvador pré-capitalista, pré-industrial, provinciana e estagnada economicamente. A Cantina transformou-se em espaço cultural e a recuperação do Centro Histórico fez do lugar um centro de paquera e badalação para os tipos mais curiosos e contemporâneos à indústria do turismo.*

*O sucesso do negócio foi manter-se fiel às suas origens, se é que é possível falar-se nisso. O popular*



*em meio à cultura de massas. Mas agora reforçado pelos apelos da negritude e com o seu idealizador eleito administrador da área pela nova ideologia valorativa do legado afrobaiano.*

*Jehová de Carvalho, negro irrompido do sertão de São Francisco mas logo aclimatado ao jeito do Recôncavo, registra neste texto de homenagem a Clarindo o tempo de infância da Cantina, lembrando seus personagens, resgatando a memória da área, pintando belas cenas de vivência e amizade com traços definidos e cores fortes. Depõe saudoso sobre uma cidade velha que foi sendo tragada pelo desenvolvimento e hoje revela ao mundo pedaços do mosaico da vida, fragmentos da cultura que seduziu sábios, inspirou poetas, cooptou estrangeiros e de onde surgiu com redobrada força movimentos culturais renovadores, todos, de alguma forma, relacionados à vivência, ao burburinho, às conversas e projetos constituídos nas mesas da Cantina da Lua.*

*O Centro de Estudos Afro-Orientais, a Câmara de Vereadores de Salvador e a Editora da Universidade Federal da Bahia se associam em homenagem mais que merecida ao animador cultural, liderança marcante e gente de primeira que é Clarindo Silva possibilitando aos neófitos e curiosos rara oportunidade de conhecimento de parte dos encantos da Bahia, no depoimento lítero-etnográfico do Ogã do Bogun Jehová de Carvalho. Esta brochura inicia, de certa maneira, uma coleção de monografias e ensaios sobre negros ilustres, personalidades importantes da história recente da Bahia, pessoas comuns que se projetam sobre e apesar das dificuldades interpostas a afirmação e ascensão social dos afrobaianos.*

Os Editores

# Memória da Cantina da Lua

*Jehová de Carvalho\**

A Cidade do Salvador vivia mansas e mornas tardes do ano de 1952, quando, no bar Brasília, de Bigodinho (espanhol de baixa estatura, apaixonado pela política do generalíssimo Franco) Valdemar Martins Santos chorava. Ele era o corretor de anúncios de publicações periódicas e se dava de amargar nos botecos da rua Monte Alverne e Largo de São Francisco as saudades de Semírames, bailarina do “Baile de Clélia”, na escadinha da Misericórdia. Mas, desta vez a causa dos seus prantos era outra: suicidara-se pouco antes, José Saraiva, dono da “Revista Bahia Chic”, declamador de Augusto Santos, de quem recitava, sempre, “Versos Íntimos”, que outros presentes repetiam, como a um cantochão: “Vês, ninguém assistiu ao formidável, enterro de tua última quimera, somente a ingratidão, essa pantera foi tua companheira inseparável”. E prosseguia: “Acostuma-te à lama que te espera...” Saraiva bebia constantinos e vermutes e lamentava a cegueira de um filho que, para ele, tinha cara de Joaquim Nabuco, o estadista pernambucano, de quem sou parente longe”. Primeiro dia de reportagem policial, a que promovido, despedi-me da revisão, levando os sonhos das grandes realizações jornalísticas que, agora, trinta e cinco anos após, não sei por qual razão de mim se esconderam. Restou-me a

*\*(jornalista, poeta, advogado, estudioso da cultura baiana)*

esteira de cadáveres ilustres de vultos a que não tive acesso e os de anônimos baianos, com os quais privou minha curiosidade. Tenho-os enxergado tão perfeitos quanto se encompridavam nas morgues, os olhos voltados para direções desconhecidas, mas que se anunciavam infinitas pela cor das retinas alvacentas, paradas na morte. Assim vejo os olhos de Saraiva. Cumprida necropsia pelo professor de Medicina e líder da comunidade universitária, à época, Anibal Silvany Filho, fui colher dados sobre a operação médico-legal junto ao legendário legista Charles René Pitex que, naquele instante, passava a assumir as atividades do plantão do dia, no antigo Instituto Médico-Legal Nina Rodrigues, na rua Alfredo Brito. “Feita a incisão biasmastóidea, afastados os retalhos cutâneos, serrada a calota craniana...” Em cerca de quatro corpos, ele, o médico, balançando cerca de 140 quilos sobre as pedras-cabeças-de-nego da rua, vai-me levando a um prédio que faz esquina com o Terreiro de Jesus e apresentava, do lado direito, uma casa de ferros-velhos e no esquerdo, junto à Igreja de São Pedro, um boteco, arejado por três portas, que se abriam para uma mesa grande, gasta na superfície e um balcão de mostra semelhante, atrás do qual governava os fregueses, um quarentão de pele clara, cabelos arruivados, o rosto grave, com observações desta marca: “Chico Pintor paga a de ontem, prá poder beber esta”; “Boneco, olhe sua vida : não me traga confusão prá cá”; “Miúda, lugar de puxar fumo é em sua casa, na Santa Isabel. Suma daqui”. Obedecido, o homem baixava a cabeça e dizia: “Doutor a sua é vodca, mas a de seu amigo?” Era cerveja que durante tanto tempo, ali me germinou e fez crescer antigas amizades que se me afiguram um todo de memória desse recanto a cujo espaço rendi minha fidelidade de cidadão. O homem era Renato Santos. O boteco: *Cantina da Lua*.

Minervino Tobias de Melo Franco – orgulhoso de sua ascendência mineira nobre – tinha apesar disso, o dissabor de ser tratado por “Miné”. Vendia apólice de companhia de Seguro, numa conversa que ia das menções à realidade e imprevisibilidade do “falecimento físico” (ele tinha horror à palavra morte, usando, portanto, aquele eufemismo, “até porque, em resumo – dizia-todos lhe tem pavor: do evento e de seu nome”) até cantar, em voz intolerável, boleros daqueles idos. O que mais encantava era “Perfídia”), cuja interpretação transferia para o açougueiro Nandinho (Fernando do Amor Divino) que Mineiro ora tratava por “Amor” ora por “Divino”, apelidos de dois homossexuais da rua das Laranjeiras, que, como os demais, não ousavam atribuir-se apelidos femininos, como as Kátias, as Xuxas, as Gal, as Simone, as Liz, em que as prostitutas são, generosamente, substituídas pelos travestis. “Canta Nandinho, Perfídia”. E Nandinho canta. Em paga, um capim-santo e um quibe. Pela imperante vontade de Miné o açougueiro vai cantando até o limite suportável de sua garganta. Descida as portas, já no bar de João (“O Nacional”) da rua Monte Alverne, Miné renova o pedido. Nandinho já não consegue falar. Mas tenta atender ao amigo, na ânsia da repetição da infusão. “Tá rouco, demais; canta direito do contrário dou-lhe um soco na consciência.”. Nessa hora, despido do “Amor” e do “Divino” de sua natureza de homem rude, Nandinho toma de uma garrafa à mão e a aplica na cabeça de Miné. No dia imediato, indagava, aflito, dos que frequentavam os bares da Sé e adjacências, da presença de Minervino Tobias de Melo Franco. Que nunca mais apareceu. Não se lhe sabia o endereço. Nem se ele deixou apólice de algum seguro, possivelmente feito em favor de Natividade, bela filha de Serrinha, que retirou de bordel da rua do Mijo para lhe dar uma filha de nome Daniela, cuja doçura, vez por outra exhibia, nos braços,

pelos bancos das praças centrais. Pois que ainda havia bancos e praças nesta negra soterópoles. Oscar Silva e Valter Fernandes Souza, o primeiro carteiro e o segundo guarda-civil, posteriormente também funcionário dos Correios sentavam-se ao dominó. Entre uma “bomba”( ou “buchada”) de sena – a pedra 12 daquele jogo, contava histórias do mulatíssimo nosso de todos os dias. Teria sido mais recente, com a recriação carinhosa da irreverência da mocidade em torno da figura de um grande filho de Salvador, o professor Isaltino Conceição Paraíso. Mulato bonito, alto, olhos esverdeados contrastando com as heranças físicas da negritude, havia sido chamado pelo educador Hugo Baltasar da Silveira a seu gabinete, no Instituto Baiano de Ensino, de que era lente de várias disciplinas e reverenciado humanista. Era a notícia de sua promoção ao cargo de vice-diretor do tradicional estabelecimento, situado na área do hoje Jardim Baiano. Ao despedir-se do diretor, Isaltino dá vistas com o também professor da casa e vereador, Amir Macedo, a quem, feliz, conta o acontecido. Este, no entanto, lhe faz uma ponderação: “há duas situações, meu caríssimo, que nós devemos considerar: primeiro, a mudança do nome da rua onde o senhor reside; segundo, a mudança de parte do seu nome. Afinal, como vice-diretor deste colégio, não pode mais morar no Beco do Cocô, na Fonte Nova, nem ser chamado de professor Isaltino Conceição Paraíso. O Paraíso está muito bem. Mas o Conceição!? Há que mudá-los”. E veio o São João. O professor, como sempre, o comemorou. Desta vez com mais licores servidos em taça de cristal. Afinal, motivos lhe sobravam. Dos rapazes do beco referido somente um convidado: o também já agora professor Gerson Alexandrino Nascimento, que, tendo sido aprovado em exame de suficiência na Faculdade de Filosofia (para ensinar inglês e francês nos colégios do Estado) deixou, sua

atividade de intérprete dos americanos do cais do porto. Vestiu seu diagonal “york-street 120”, calçou sapatos de verniz preto e cromo branco. Pensou em vingar-se dos que, da sua idade ficaram à porta, sem convite. Perto da meia-noite os licores eram renovados nas taças de cristal, quando Gerson – hoje um sessentão aposentado do magistério - adentrou a casa e, de inopino, pediu a palavra. Eis o seu discurso: “Minhas senhoras e meus senhores, senhor Professor. Sei que seu nome já não é Isaltino Conceição Paraíso. Mas Isaltino Conceptio Paraíso. Quero, neste instante, louvar-lhe as qualidades de mestre, amigo, figura maior da cultura da Bahia e quiçá do Brasil, nesta casa e nesta rua que, por iniciativa do professor e vereador Amir Macedo, passou a ter o nome consagrado de V. Senhoria. São inegáveis os serviços que tem prestado à juventude e é em nome desta, sobretudo da que habita esta área e que não pôde estar nesta festa, isto é, neste recinto, porque lá fora, em frente se encontra, que desejo manifestar-lhe nossas alegrias, extensivas à sua digníssima consorte. E, agora, senhores, repetindo o exemplo milenar dos gregos e dos romanos, convocou-os a um brinde. Beba-se o licor e quebrem-se as taças”. Pedacos de cristal ecoaram nas aclamações dos convivas e no silêncio do ilícito professor.

Na verdade, a freqüência maior da *Cantina da Lua* até os anos 70, era formada de médicos e servidores do Nina Rodrigues. O crioulo Anísio, chefe da guarda do necrotério, esforçava-se para imitar, ao falar, o professor Estácio de Lima e Charles Pitex, o primeiro, com as palavras raras do vocabulário anatômico. O segundo, com os erres dos xingamentos e dos palavrões, com que recebia o cunhado e criminalista Fernando Jatobá da Silva Teles, que sempre lhe pedia a renovação dos avais em todas as noites de fracassos no jogo de poker de Arigofe, a quem por

cacife, chamava solenemente de “Isaiás Carvalho, zulu de minhas aflições”. Depois de uma dose de gim (“só quero Smirnorrff”), à paciência de Renato, Anísio relatava as surpresas de uma das suas noites de trabalho. Numa destas, ao terminar a lavagem de um corpo embalsamado, sentiu que dois braços lhe apartavam o pescoço. Gritou. Ouviu-o o legista José Francisco, dono do plantão, que o socorreu. Anísio tremia. Não conseguia falar-lhe. Sossegou porém, quando livre do inusitado abraço, ficou sabendo que o processo de rigidez cadavérica abrange movimentos musculares. Mas, ainda assim, acendeu duas velas próximas às extremidades da morgue. E rezou. José Francisco bebia pouco, lembrando os tempos em que conciliava seu ofício de saxofonista do Rumba Dancing, na rua da Ajuda, com as obrigações de acadêmico da Faculdade de Medicina. Benício porteiro do Nina Rodrigues, fora cangaceiro, primo de Maria Bonita, mulher de Virgulino Ferreira, o Lampião justiceiro e mágico do Pajeú a Queimadas, de Monte Santo à Serra Talhada, onde nasceu. Trazido do antigo Engenho da Conceição (a penitenciária estadual, na Baixa do fiscal) para aquela repartição, pelas mãos de Estácio de Lima, era o guardião das cabeças de seus companheiros, expostas no museu antropológico que tinha o nome daquele mestre da criminologia e da medicina legal. Benício, depois de duas cachaças cruas, falava dos desafios que fez, por causa de Maria Bonita, ao chefe do cangaço. “Uma madrugada, a lua bonita, brilhava na lâmina dos punhais. Eu, Saracura, olhando na vista dele e ele na minha, Maria veio e ficou entre os dois e nós juramos que nunca mais ia ter aquilo.” Depois falava do hábito de Pitex em colocar o charuto (ouro de Havana) nas cabeças dos cadáveres à hora de dissecá-lo e, depois, com a mão suja de sangue das vísceras, os retomava, fumando tranqüi-

lamente. Esquecia-se Saracura (“Saracura não. Isso foi no tempo de falta de juízo”) dos dedos melados de azeite de dendê das passarinhas a que lhe seguiam as doses, e que sempre limpava no guarda-pó, sempre o mesmo por dias e meses, para desespero e nojo do legista e clínico-geral Glauce Nogueira Brandão. De origem evangélica, esta figura maior dos dias áureos da medicina legal na Bahia (assistente, ao lado de Nelson Sena de Carvalho, de histologia, na cadeira de seu sogro, o professor João Andréia), Glauce Brandão não acolhia, como verdadeiras, histórias sobre “o comportamento dos cadáveres”, como dizia Dilson, filho de Anísio, que era espírita e frequentador eventual das sessões de caboclo na rua do Alvo, onde morava, vizinho ao pai-de-santo, Clério Catão. Mas, Glauce – que acaba de fazer um ano de morto – teve uma experiência que não lhe saía da lembrança: acabara de proceder à perícia médico-legal no cadáver de uma jovem de vinte e cinco anos. Era-lhe o rosto de uma serena cor rósea. Preparado o corpo, que sairia da igreja da Misericórdia, chegou, ao necrotério, seu noivo que estava em viagem. Ele se dobrou sobre o caixão ainda não coberto, quando dos olhos da morta duas lágrimas surgiram. A explicação de que se socorria Glauce Brandão, era para o fenômeno de que as glândulas lacrimais funcionaram no momento da morte. Com a pressão do rosto do noivo sobre sua face.

Na *Cantina da Lua*, esse coração excepcional de médico de seu povo, atendia a homens, mulheres e crianças da área do Maciel, ministrando-lhes remédios, levando-os aos hospitais em que tivesse influência de sua ação de também clínico da Previdência Social. Com o professor Marcos Santos, Glicério Cabeça Branca e Aloísio Rocha, diretores da Sociedade Protetora dos Desvalidos, a cantina ouviu dissertações



sobre figuras da Revolução dos Alfaiates, do ciclo de revoltas malês, da Abolição de vultos como Luís Gama, Domingos Silva. Também na mistura das diversas visões culturais de sua formação, aqueles homens cuidavam de procissões como a do Caximbo, restaurada por Glicério, no cais do carvão, depois de uma interrupção de perto de quinze anos e ainda a devoção dos carroceiros a São Cristóvão, numa das árvores do Largo do Ouro, e do culto aos orixás, na diversidade de seus velhos terreiros. “Olorum odupé”. E se despediam.

...

Mansa e morna tarde de 1972. Vinte anos depois, na sala de estúdios do Forum Ruy Barbosa, na Ordem dos Advogados. Sou a expectativa de uma nova vida que haveria de correr em horas difíceis, lado a lado com o jornalismo, completando-se em sua natureza postulatória. Diante de mim, Renato Santos e um negro magro, de voz pausada, pensando palavras e sentidos antes de expressá-los. Eram Renato Santos e Clarindo Silva de Jesus, quem não conhecia? A *Cantina da Lua* estava ameaçada de fechamento, por decisão judicial. Coube-me solucionar o impasse, em nome dos tempos em que, sem o saber, experimentei o grande aprendizado desta terra, marca de minha vida intelectual. A *Cantina* abriria suas portas, sob a inspiração e esperança de Clarindo Silva, gandula, engraxate, auxiliar de balcão na esquina direita do prédio do estabelecimento, onde já se extinguia o depósito de sucatas dos Massaferrri, contador e repórter por poucos meses em A TARDE, sob a orientação de Otacílo Fonseca. Lá ia Clarindo no rumo do seu destino, com passos apressados. Sem perda de seu caráter de comércio, de logo a *Cantina* foi se transfor-

mando. Já não era, apenas, o boteco das infusões autóctones (com seus milomes, dandás, catuabas, pau-de-respostas, fedegoso e umburana). Já se serviam, em sua ainda velha mesa, cheia de nomes e de frases desconexas de bêbados e vagabundos, de mártiros e de grandezas, alegrias e humilhações - pratos populares pouco frequentes na culinária baiana como: roupa velha, (carne sobrada da véspera, desfiada e servida como moqueca), moqueca de fato, quiabada, feijão mentiroso (com carne seca, toucinho e chupa molho) escaldado de coração de boi e outros. Sabendo que sua freguesia haveria de ser a de pessoas do mundo do Terreiro de Jesus e circunvizinhanças, deu-lhes preços baixíssimos, reduzindo os ingredientes das panelas para compensá-los. Certo dia, surgiu-lhe na *Cantina da Lua* um rapaz de muita loquacidade, dizendo-se radialista da Rádio Excelcior da Bahia. Queria entrevistá-lo. Fê-lo. À hora anunciada, tudo que lhe havia informado fora divulgado. Clarindo quis fazer-lhe cortesia, oferecendo-lhe bebida e tira gosto. Ao deixá-lo o rapaz revelou: "Meu nome é Caxixi. Amanhã voltarei. Para o almoço. Mas, só vou pagar no final do mês, quando receber meu salário".

Na verdade, o moço nada tinha com a emissora, a não ser um amigo locutor a que pedia divulgar fatos ligados a pessoas de seu conhecimento. Mas, o dono da *Cantina da Lua* nunca deixou de fornecer o almoço àquele que, pela primeira vez, o divulgou, no início de sua arrancada. Não demorou muito, quando um policial encontrou o corpo de um homem nos fundos da estação rodoviária da Barros Reis, em Sete Portas. No bolso um bilhete: "Desculpem, não aguentei viver mais. Deus ajude a Clarindo que matou a minha fome". Se é que a voz do suicida tem eco nos poderes inatingíveis da natureza, o Deus que habita os botecos, entre ladrões e malfeitores, entre empresários e professores, entre subempregados, jornalistas, médicos

e advogados todos os que ali esbarram suas indagações, esse Deus atendeu à mensagem de Caxixi. De permeio, as três portas se fizeram nove. A parede dos limites da anterior dependência do casarão encontrou-se na parede lateral do depósito e um ar de mistério e alvissarras trazia o sal do mar da Bahia de Todos os Santos ao novo salão. A mesa que exibia o traço de muitas mãos multiplicou-se. Um empresário que, desde menino, conheceu a vontade férrea do trabalho, ofereceu-lhe as primeiras garantias. Nutriu-lhe os nervos de uma energia nova. Como levados pela condão invisível de Caxixi agradecido, homens de comunicação tornaram sua figura conhecida em sua cidade, no Estado e no País inteiro (e são Rafael Pastore, Graça, Renato Almeida, Gilson Nascimento, Rêmulo Pastore, Paulo Tavares, Pedro Formigli, Silva Filho, Béu Machado, Silvio Mendes, Julio Cesar, Geraldo José e tantos outros). O professor Vivaldo da Costa Lima, o sempre lembrado diretor-executivo da Fundação Pelourinho, fez-lhe o acréscimo do que chamam de piso lunar. E já são espanhóis, argentinos, italianos, colombianos, australianos, gente dos quatro cantos do mundo, que chegam a este sítio, fazem-no a referência de sua descoberta da Bahia e a escola do falar do povo, na gíria livre, frases de um dialeto só aí falado, com o sinal dos sotaques estrangeiros. E passam a conhecer seus segredos, sua oculta mensagem quotidiana de um viver particular. Ocorrem romances, de que nascem filhos de operários com mulheres brancas e ricas, entregues a uma obstinada necessidade de se aprofundarem nos rigores da existência. Troca de amores e sabenças, que podem desabar, porque conflitante em sua irresponsável simplicidade. A lua da *Cantina* sobe para um mais alto estar. Placas de seus benfeitores ornam-lhe as paredes azuis. Forma que Clarindo Silva encontrou para manifestação de uma postura e era lhe impossível,

sozinho, sem a aliança com seus conterrâneos tornar-se um como que arauto da Cidade do Salvador, ator, agente, personagem, motivador e beneficiário de seus encantos, de suas judiações, do abandono de seus monumentos, do falseamento de sua vida cultural, dos falsos mitos criados pelo poder em suas promoções malignas, pelo moralismo dos retrógados, pelos embustes dos tartufos. E vem a explosão de acontecimentos na busca dos seus méritos: a presença de Nelson Pereira dos Santos com “Tenda dos Milagres”, já em 1976, quando se tornou a *Cantina da Lua*, a locação que se irradiava para os recantos mais íntimos da terra, na reconstituição da obra de Jorge Amado. Vieram-lhe os lançamentos de livros de escritores locais, sendo o mais importante o do livro “A mulher de Aleduma” da escritora (Aline França), subsidiado pela casa. Outros o sucederam. Artistas famosos lhe acorrem como espaço necessário à compreensão de uma Bahia que agoniza. São eles: Chico Buarque de Holanda e sua mulher Marieta Severo, Gonzaguinha, Elomar, Adelson Alves – divulgador, na Rádio Globo, da obra de C. Silva – Edvaldo Pacote, Paulo Gil Soares, Capinam, Elza Soares, Zezé Mota que, recentemente, participou de um show comemorativo do transcurso dos 436 anos da fundação da Cidade do Salvador, primeira de uma série de eventos que estão sendo levados a termo, com o objetivo de igualmente, chamar a atenção da comunidade para reativação do seu centro histórico. Numa certa terça-feira ouviu-se uma palestra de Clarindo Silva, logo após a inauguração de uma exposição fotográfica de jornalista Renato Almeida de A TARDE, documentos dos acontecimentos da conferência Mundial de Orixá, aqui realizada em julho de 1983. Mas, no fundo de todo esse esforço negro, está a sua família: Maria do Carmo Alves de Jesus, esposa e Cleodo Mércio Alves de Jesus, Cláudia Alves de Jesus, Cláudia Marciana

Alves de Jesus, Clériston Marcos Alves de Jesus, Cléa Mercedes Alves de Jesus.

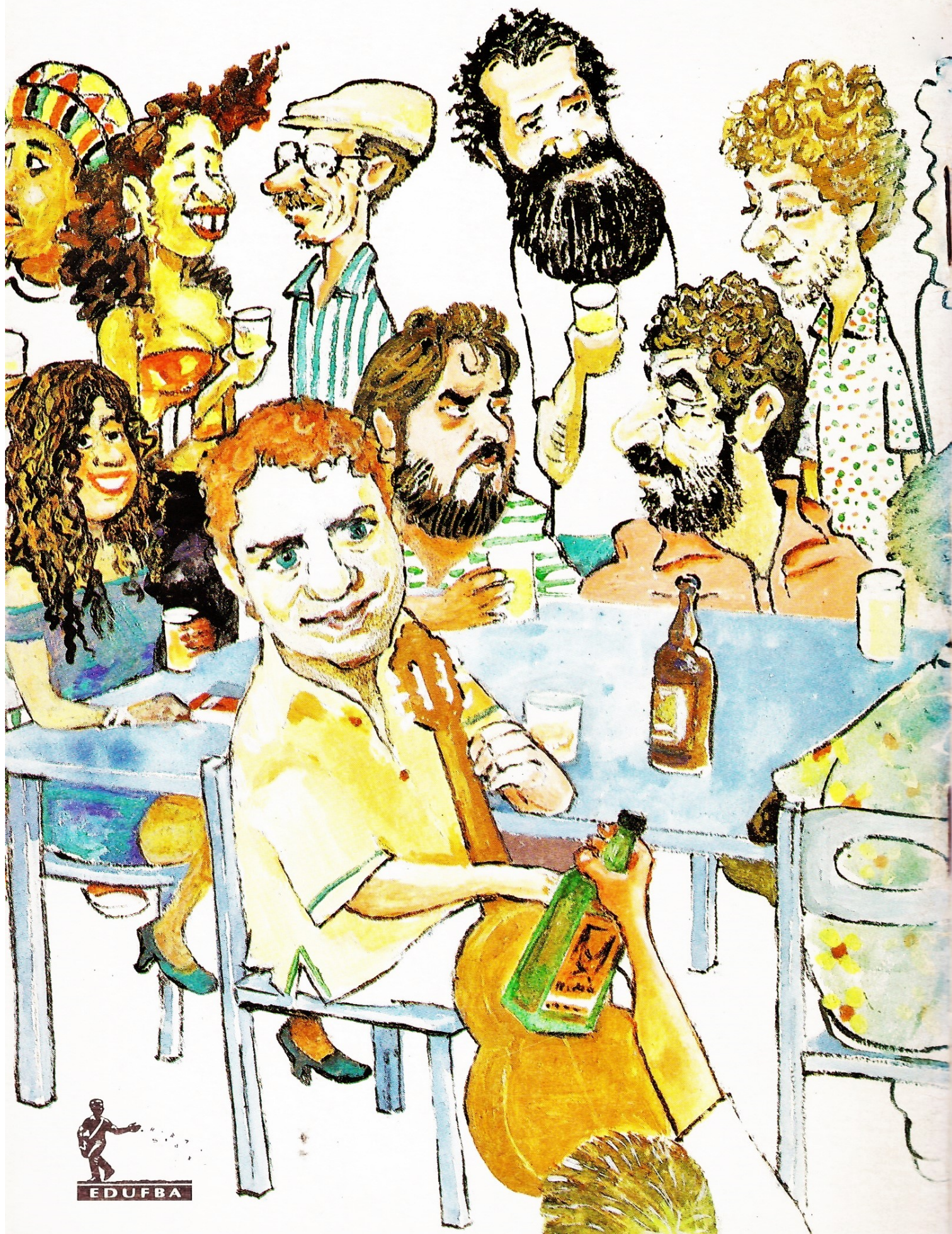
O menino Mércio, em seus 15 anos , já se preparara para ajudar o pai em sua caminhada. Mas, é bom parar. A *Cantina da Lua* me trouxe a experiência da universalidade do amor e me fez renovar frutos que minha madureza não esperava. De sua mesa da primeira janela, acolho em meu silêncio, as vozes, as mãos, as mensagens dos que formaram a *Cantina da Lua* inicial. E antes de comparecer à conferência do professor Edvaldo Brito – a que assistirei com as atenções dos companheiros do curso clássico do Ginásio da Bahia – faço genufletir a memória para cumprir, como se uma segunda-feira fosse o engraxate Leal e o médico Glauce Brandão, um raro remédio inesperado e desaparecido. Olorum odupé.





Editora da Universidade Federal da Bahia  
rua Barão de Geremoabo s/n° ,  
Campos Universitário da Federação  
CEP: 40170-290, Salvador-Bahia  
Tel: (071) 245 - 9564 - Fax: (071) 235 - 8991

Atendemos pelo reembolso postal  
1995



EDUFBA